



## DA REFERÊNCIA DO OUTRO À ESCRITA DE SI: O DISCURSO SOBRE A MORTE COMO CONDIÇÃO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Juriene Pereira da Silva<sup>1</sup>  
Márcia Aparecida Amador Mascia (orientadora)<sup>2</sup>

Os professores se deparam cotidianamente com a necessidade de uma discussão mais profunda sobre a morte. É triste ver estudantes brilhantes se apagarem porque seu pai ou sua mãe morreram e não há nada que se possa fazer. Com o estudante, poderíamos discutir o assunto e apoiá-lo, se tivéssemos preparados e não tivéssemos tantos problemas em relação à questão da morte e do morrer. Se não jogássemos no esquecimento nossos entes queridos já falecidos, para nos poupar da lembrança de alguém que já foi tão amado e tão necessário. É comum quando visitamos parentes, vizinhos ou conhecidos que perderam um ente querido há pouco tempo, não falarmos sobre o motivo da visita, tentam conversar sobre banalidades porque não é de bom tom falar sobre o que faz uma pessoa sofrer. Sobre o sentimento daqueles que passam pela experiência de morte, não se fala para não magoá-lo.

A urgência da discussão sobre a morte se faz face aos acontecimentos vivenciados enquanto educadores: quando um estudante falece vítima de drogas, outro perde a namorada, entre outros casos.

O importante é que todos os homens são mortais. Sabendo-se que cada um de nós que freqüentamos a escola, um dia não estaremos mais aqui, pois estaremos mortos, faz sentido sim, discuti-la na escola, onde passamos parte da vida.

A escola precisa atentar para o fato de que sua clientela passa boa parte de seu dia entre seus muros aprendendo a conviver. Faz amizades que os acompanham por toda a vida, compartilhando alegrias progressos pessoais, profissionais, afetivos e momentos de perdas e de dores.

Este artigo se insere na área de educação. O tema é a morte e o morrer e o discurso sobre ele. A hipótese é que a sociedade contemporânea interditou a morte e o morrer, o que torna o sujeito que passa pela experiência da perda de um ente querido não encontre espaço para expressar a tristeza, o sofrimento, sentimentos que são vividos na solidão e no silêncio; afinal em nosso mundo o sujeito está obrigado a ser feliz.

Contribuir para repensar a educação repensando a vida e a morte é o objetivo geral deste artigo e os específicos são:

1. Levantar das representações acerca da morte e do morrer em discursos manifestados por alunos do Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade São Francisco. Itatiba. São Paulo.

<sup>2</sup> Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.



2. Apontar os efeitos de sentido que emergem nas falas de sujeitos que vivenciaram perdas significativas nos últimos cinco anos.

3. Mostrar como tais efeitos e representações se materializam linguisticamente.

4. Apontar em que medida, ao falar de sua relação sobre a morte, o sujeito se ressignifica.

O estudo proposto torna-se importante no momento em que busca suprir uma lacuna existente no sistema de ensino, onde não se discute o processo de morte do homem. É como se ela não existisse, como se fôssemos todos imortais, principalmente os jovens como diz Kübler-Ross (1998).

Segundo Martins (1983), a nossa sociedade fez da morte um tabu e nas escolas isto tem uma consequência grave, porque o não falar, traz consigo a não aceitação do outro. Alguns se perdem diante da realidade de ficar sem seus amigos queridos e por nunca haverem pensado nesta possibilidade, sentem a morte como a traição de uma promessa de vida longa e feliz.

Para a realização deste estudo aprofundar-nos-emos nos textos de Kobler- Ross, Martins, Kovacs, Áries, dentre outros e tentaremos associar a temática com a educação como fez Maria Julia Kovacs.

Como arcabouço teórico-metodológico, traremos as discussões de Foucault, em sua terceira fase, a "escrita de si" e a Análise do Discurso de linha francesa. Coletamos os registros do *corpus*, através de entrevistas realizadas com alunos que tiveram a experiência de morte de um ente querido nos últimos cinco anos.

Para Elias (2001, p. 10), a consciência da morte faz parte da condição humana e diferencia a espécie humana de maneira singular entre as demais espécies da natureza:

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que ocorrerão; apenas eles, podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento...

A ilusão que nossa cultura criou a partir de um verbo intransitivo (morrer) para não pensar na própria morte não nos traz a inexistência dela, porque ela está aí, é condição dada ao vivente, ser mortal. E por isso apresentamos à discussão as idéias de alguns autores que tematizaram a morte.

#### ELIZABETH KÜBLER-ROSS

Psiquiatra americana, pioneira no estudo sobre a morte e o morrer em hospitais. O estudo realizado por Kübler-Ross (1987), "Sobre a morte e o morrer" apresenta a teoria sobre os estágios do luto: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação.

---



O primeiro deles é a negação e o isolamento. Ao tomar conhecimento da fase terminal de sua doença, a maioria dos pacientes moribundos que entrevistamos reagiu com esta frase. "Não, eu não, não pode ser verdade". Essa negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo de suas doenças quanto naqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham saber mais tarde por conta própria. (op., cit. p.49)... Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por um sentimento de raiva, de revolta, de inveja, de ressentimento. Surge lógica 1 Fizemos um recorte nas citações, por isso, elas se referem a diferentes páginas da mesma autora. 24 uma pergunta: "Porque eu?" (op., cit. p.61)... Contrastando com o estágio de negação, é muito difícil do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar lidar com o estágio de raiva. Deve-se isto ao fato dessa raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível (op., cit. p.62)... A reação dos parentes é de choro, e pesar, culpa ou humilhação; ou então, evitam visitas futuras, aumentando no paciente a mágoa e a raiva. O terceiro estágio, o da barganha é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto (op., cit. p.62)... A maioria das barganhas são feitas com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessional do capelão... Psicologicamente, as promessas podem estar associadas à culpa recôndita. O quarto estágio é o da depressão. Quando a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estágio de aceitação, o encorajamento e a confiança não tem razão de ser. (op., cit. p.93)

Kübler-Ross mostra aquilo que Freud apresentara; que ao ser humano é impossível conceber-se como um ser mortal. A raiva inicial é compreensível num paciente terminal porque, se todo ser humano se pensa imortal é natural que se sinta traído nessa promessa de imortalidade, que criou para si, na ilusão que viesse a ser cumprida. Quando o sujeito se relaciona com a possibilidade da morte imediata de si mesmo, como uma realidade, surge a barganha, que se apresenta como uma possibilidade de "enganar", não mais a si mesmo, mas a morte. Conta-se nessa barganha, com o possível direito de defesa realizado com o transcendente. É a Deus como juiz maior que se apela neste momento de desespero. Inicia-se, então, uma série de promessas, conforme a crença do moribundo ou de familiares. Espera-se a defesa da vida diante da ameaça da morte, contando-se neste momento com a intervenção maior da transcendência.

O desafio que se apresenta àquele que lida com a morte do outro, ou que tem diante de si a iminência da própria morte, é a maneira como tratará a questão, e o tempo que haverá para se manter tal relação e qualidade de existir nesta relação com o moribundo ou com aquele que perdeu um ente querido ou ainda consigo mesmo, na condição de moribundo, ou futuro finado.

O próximo estágio traz a importância desse momento com relação à família do moribundo e como essa modifica a qualidade de vida nos seus últimos momentos; assim como pode intervir na forma como a educação contribui para torn-lo uma experiência pedagógica *sui generis*:

---



O paciente não deveria ser encorajado a olhar o lado risonho das coisas, pois isto significaria que ele não deveria contemplar sua morte iminente. Dizer-lhe para não ficar triste seria contraproducente, pois todos nós ficamos profundamente tristes quando perdemos um ser amado. No pesar preparatório há pouca ou nenhuma necessidade de palavras... um afago nos cabelos, um toque nas mãos já é suficiente. Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do "repouso derradeiro antes da longa viagem". É também o momento em que a família carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente; à medida que a véspera da morte encontra uma certa paz e aceitação, seu círculo de interesse diminui. (op., cit. p. 97)

Diz a psiquiatra, que as pessoas à beira da morte passam por este processo quando a morte é precedida de um longo tempo de enfermidade. E para Kübler-Ross, o prolongamento da doença era uma oportunidade para refazer laços que haviam se soltado por mágoas, intrigas, brigas entre familiares e amigos ou para resolver as ausências que a vida traz. Seus pacientes foram estimulados a falar sobre o adoecimento e inicialmente se mostravam indispostos. A Dra. Kübler-Ross ia se tornando mais próxima e com o tempo que se escasseava para esses, falavam de medos, desejos, sonhos e refaziam, suas relações e depois de resolverem estas perdas, morriam.

#### PHILIPPE ÀRIES

Historiador francês que estudou e publicou sobre como o homem ocidental se coloca diante da morte. Pesquisou sobre como a civilização ocidental se comporta diante da morte do outro, partiu pela Europa buscando as origens do tratamento dado à morte, a construção dos cemitérios, os hospitais, as praças, as penitências, as carpideiras e todas as formas que deram aos cuidados com a morte e com o corpo do morto.

#### MARIA JULIA KOVACS

Pesquisadora da USP que discute como a educação pode auxiliar no processo de perda de um ente querido, como auxiliar crianças, adolescentes e adultos enlutados. Diferente dos outros estudiosos citados que relacionam à questão da morte, com o adoecimento e a hospitalização, Kovacs discute a morte e o processo do luto dos parentes, familiares e amigos. Criou uma série de vídeos para promover o debate sobre a morte da educação infantil até o ensino médio, chamada "Conversando sobre a morte".

Diante desse pensamento sobre a morte colocamos a questão do cuidado de si e da análise do discurso, pois desde a Grécia antiga era uma prática que permeava o curso da vida humana, ensinado aos jovens para que aprendessem a amar a vida, a cidade e a preparar-se para deixá-las.

Foucault, para se referir ao cuidado de si, traz os costumes da antiguidade grega e diz que a Grécia nos dotou da consciência da necessidade do cuidado. Segundo Foucault, o cuidado de si se iniciava com o jovem que era apresentado a um homem

---



adulto e aprendia os princípios do cuidado de si, a pederastia. Este aprendizado se dava a partir do cuidado do próprio corpo, seguido do cuidado dos outros, das pessoas da própria família e logo depois o cuidado da cidade, representado pela atividade política, desenvolvida só por homens adultos e livres, que possuíam bens, não podendo exercer tal atividade quando perdiam sua liberdade. Para Foucault

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver a *technê biou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo: este era um dos princípios tradicionais aos quais, muito tempo depois, os pitagóricos, os socráticos, os cínicos deram tanta importância.

O cuidado de si para os gregos era a base da filosofia e da política da época. Foucault nos diz: “É um gabinete médico (*aitreion*) a escola de um filósofo; não se deve, ao sair, ter gozado, mas sofrido” (FOUCAULT, 2007, p. 61). O filósofo nos mostra que este aprendizado do cuidar de si, nem sempre é algo prazeroso ou festivo, que se pretende que seja aprendizado e para se aprender algo se não basta sofrimento e esforço, sem eles tão pouco o aprendizado é possível.

Escrever para quem o faz passa a ser uma atividade de dizer-se e de cuidar-se, sendo esta escrita, como propõe Foucault (2004a, 145) é:

A escrita de si aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com anacorese; ela atenua os perigos da solidão: oferece aquilo que se fez ou pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário.

Outra forma de cuidado de si é o dizer de si. É constituir-se através da palavra falada, é o caso de nossas entrevistadas, que aceitaram dividir suas histórias de vida, suas dores e de como sua (re) significação após a morte de um ente querido.

A seguir, apresentamos os nossos sujeitos de pesquisa e suas “dores” perante a morte.

#### A Morte na voz de quem ficou

Rosa, Violeta e Lavanda eram, à época das entrevistas, alunas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) do período noturno.

#### Rosa

Rosa perdeu a mãe, a adolescência devido a uma gravidez não planejada, que lhe trouxe à condição de mãe aos quatorze anos de idade; perdeu os estudos, pois devido a gravidez abandonou os estudos para dedicar-se à família; perdeu o trabalho com a gravidez, desistiu de trabalhar para cuidar da família; perdeu o marido, que arrumou



uma amante e ela pediu o divórcio perdendo o casamento, perdeu o filho, que morreu; perdeu o neto, que não pode vê-lo; perdeu a família, com o divórcio e a morte do filho; perdeu a casa, porque seu marido não pagou o financiamento. Apresenta uma característica peculiar em relação à escola. Quando aluna da EJA, era na escola que mantinha toda sua vida social, no trabalho como doméstica, ficava sozinha durante todo o dia; não tendo com quem conversar. Na escola encontrava os amigos, procurava falar a respeito de tudo o que pudesse, inclusive sobre a morte de seu filho. Ao retorna à escola dá novo sentido a sua vida.

Violeta: a cor da esperança

Perdeu a pessoa que ocupava o lugar de mãe por várias vezes, mas outra imediatamente assumia este lugar; e esta vacância do papel de mãe deixou em Violeta um receio/medo de que a última pessoa a quem chamasse de mãe também morresse. Violeta perdeu a mãe biológica; a mãe adotiva, que era sua tia; o pai que a entregou à tia e nunca mais apareceu; a irmã, o irmão e a bisavó. Trocas constantes de casa e de mães são características importantes no discurso de Violeta.

Lavanda: a cor da dor

Perdeu o pai devido a um infarto, a mãe biológica, o filho, o marido, o namorado, que ao saber da sua gravidez do primeiro filho, desapareceu; da segunda família, a família de sua patroa que a acolheu, quando da sua gravidez na adolescência; da moradia devido ao comportamento apresentado por seu filho, caracterizado por violência verbal e física em relação ao filho da filha da patroa; da patroa/mãe, que por algum tempo assumiu o papel de mãe compreensiva que era, quando de sua gravidez na adolescência e que lhe pediu para ir embora por causa da relação que se dava entre seu neto legítimo e o filho de Lavanda; do papel de filha da patroa.

Lavanda é uma mulher sofrida como Rosa e Violeta no início da vida, pois perdeu aqueles que ocupavam a função sujeito de pai e mãe, mas, como no caso de Violeta, a função de mãe foi substituída por outra pessoa, que veio a perder mais tarde e no seu caso não houve uma terceira pessoa a ocupar esta função sujeito. Como Rosa, foi mãe adolescente e passou a viver para a família que constituiu, no seu caso, só ela e o filho. Casou-se novamente, desta vez com um homem com quem teve mais dois filhos, e que veio a ser assassinado anos depois. Após a morte do marido, num assalto, Lavanda retorna à escola e dá novo sentido a sua vida.

Nos três casos, a necessidade de falar sobre a morte dos entes queridos. Todas discursivizam sobre a omissão do assunto na escola e da impossibilidade de falar sobre a morte com colegas e professores.

---



A ausência do nome do morto é uma constante nos três casos, assim como a escola como referência de volta à vida, no caso de Rosa e de Lavanda. A presença do duplo silenciamento: Não se fala o nome do morto, não se fala do sofrimento dele.

Também aparece muito enfaticamente o discurso de vitimização da entrevistada em relação à vida. Ainda há de se destacar a inexistência da entrevistada antes da morte do filho, no caso de Rosa e do marido no caso de Lavanda.

O discurso de vitimização da entrevistada em relação à vida. Ainda há de se destacar a inexistência da entrevistada antes da morte do filho, no caso de Rosa e do marido no caso de Lavanda.

*...Há dois anos meu marido morreu. Ele foi abrir nossa mercearia e quando se aproximou da porta, eles chegaram e atiraram nele. Depois entraram e levaram as coisas. Quando a polícia chegou ele já estava morto. Eu tava em casa arrumando as coisas pra mandar J pra escola e o telefone tocou, quando eu atendi era a notícia da morte dele. Sei lá. Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou. Não me levaram junto com ele, mas me deixaram viva pra sofrer tudo sozinha...*

Neste excerto em que Lavanda relata a morte do marido, surge o discurso sobre a morte, porém, o sofrimento é omitido. Quando Lavanda diz sobre o filho: *"Ele morreu com três tiros na cabeça"* e a respeito da morte do marido *"Há dois anos meu marido morreu. Ele foi abrir nossa mercearia e quando se aproximou da porta, eles chegaram e atiraram nele"*, ela não diz sobre o sofrimento deles, as marcas no corpo, a dor não aparece, a idéia da morte no discurso da nossa entrevistada acompanha o discurso higienizante da sociedade em que vivemos e de onde o interdiscurso social a que já nos referimos anteriormente neste artigo. Porém, se, por um lado, há o morto, por outro, há a morte, em vida, daquele que continua vivo. Lidar com a dor da morte é, costumeiramente, materializado como morrer em vida. Vemos isso em Rosa, como em E1 e neste excerto acima. *"Acabar"* e *"sofrer"* materializam o luto dos vivos: é como se não houvesse mais vida possível para os vivos. *"Na hora eu me acabei. Eu me acabei. Minha vida se acabou. Não me levaram junto com ele, mas me deixaram viva pra sofrer tudo sozinha..."*. *"Acabar"* aparece na forma reflexiva *"acabar-se"* de dois modos (*eu me acabei* e *minha vida se acabou*). Em ambos os casos, a ênfase é dada no sentido de *"alguém acabar consigo próprio por não ter "mais condições (ou razão) para viver"*.

*... Me faz falta sim. Me dói muito, porque eu não perdi um filho só. Eu perdi a minha companhia. Eu perdi tudo. Tem dia que eu paro, eu falo: Meu Deus eu não vou agüentar. Tem dias que eu falo: Eu não vou pra escola. Eu vou trabalhar porque eu tenho que trabalhar. Tem dias que eu falo, eu vou cair numa depressão, mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria...*

---





Neste trecho da entrevista, Rosa apresenta sua confusão. Ela parece bem confusa com relação aos seus desejos, sua reação e mesmo sua luta para continuar vivendo. Outra vez, nota-se a repetição, um efeito de retórica no seu discurso. Por três vezes, Rosa inicia a oração com *“tem dias que eu”*, seguido de um verbo de ação *“falar”* e de uma consequência negativa, referente à perda, ela fala *“não vou aguentar”*, *“não vou para a escola”* ou ainda *“eu vou cair em uma depressão”*. As materializações de tais sentimentos, no discurso, indicam certa consciência e luta de nosso sujeito contra tais efeitos negativos em sua vida. Mas, no final do excerto, Rosa quebra esse dizer negativo com um *“mas”*, que instaura o efeito de luta de nosso sujeito, como em *“mas eu tenho que lutar contra isso porque eu sei que não era isso que ele queria.”*. Quem não queria? O filho. E é por ele e, de modo especial, por uma memória idealizada que Rosa decide continuar a vida. Ademais, observa-se que Rosa fala consigo própria. Trata-se de um efeito do discurso do sujeito que está rememorando algo e diz de si no ato da enunciação, como se tivesse falando consigo próprio em um passado.

Em seguida, Rosa volta a falar do filho morto e de como ele era uma pessoa maravilhosa. Podemos notar que ela está falando como mãe e que, para ela, seu filho era perfeito. Depois de morto, ele passa a ser idealizado, como já dissemos acima, neste artigo.

*... eu comecei lembrar das conversas minhas com ele, quando ele falava: mãe você precisa reagir. Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja...*

A idealização do filho de Rosa apresenta diversas nuances. Neste excerto, Rosa idealiza sua relação como filho transcendendo a morte, pois o filho, mesmo morto e por esta condição, ou não podendo estar presente em corpo, se utiliza do mecanismo do sonho para ajudá-la em sua dor. Rosa, primeiramente, diz se *“lembrar das conversas minhas com ele. Quando ele falava: mãe você precisa reagir”* e, em seguida, surge o discurso sobre o sonho na mesma frase *“Eu sonhava com ele. Eu conversei com ele em sonho, ele só falou assim pra mim: Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja”*.

Neste excerto, Rosa inicia dizendo que conversava com o filho sobre sua reação e depois que sonhava com ele sobre a sua reação diante da morte dele. Mas, para que Rosa pudesse reagir, se fazia necessário a certeza que o filho estava bem, por isso, ele lhe diz em sonho: *“ Mãe eu estou bem, eu só preciso que a senhora reaja”*. Podemos concluir que a reação de Rosa não é uma decisão sua, e, sim, a necessidade do filho morto. Rosa só decide reagir, quando o filho lhe diz em sonho, lhe dando o aval; *“eu só preciso que a senhora reaja”*. Ela utiliza do discurso idealizado, como sendo do filho, o

---





verbo “preciso” na primeira pessoa do singular (eu) no sentido de ser “necessário, urgente”, o filho necessitava de maneira urgente da reação de Rosa, por isso, ela está autorizada a reagir. Interessante também é notar o tempo em que o verbo está conjugado, o presente, o filho diz “*eu preciso*”, depois de morto, em sonho, ele ainda precisa que ela reaja. A reação de Rosa se dá a partir da necessidade do filho. É o filho que precisa de sua reação, não ele que precisa reagir. É o filho morto de Rosa, aquele que cuida dela que lhe autoriza a reagir. Ainda aquele que “*veio por causa do (seu) sofrimento*”.

### **Algumas considerações (ou) Há vida depois da morte, para os vivos?**

Um das considerações a que podemos chegar é que sobre a morte e o morrer precisamos ouvir mais do que falar, pois uma constante nessas entrevistas foi o discurso sobre a necessidade de falar caracterizando uma das regularidades apresentada por todas as entrevistadas.

Outro ponto que merece destaque é a forma como essas mulheres se constituem a partir da morte do outro. A forma como elas se ressignificam como sujeito a partir da morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação.

Em relação às experiências de vida, percebemos que Rosa e Lavanda têm muito em comum, como o fato de perderem a mãe muito cedo e terem sido criadas por outras famílias, de terem sido mãe adolescente e de terem suas vidas transformadas por esta gravidez que, de uma forma ou de outra, decidiu o rumo dado à vida dessas jovens mães.

A desistência da escola, a perda do emprego ou do trabalho, a desistência do futuro sonhado por jovens que engravidam e passam a viver em função de outro, aprendem a cuidar de outro, antes de aprenderem a cuidar de si mesmas; neste caso, até do próprio corpo. Constatada a gravidez, assumem o discurso de que vão viver para os outros ou, no caso, vivem para o marido e filhos ou apenas o filho. Passam boa parte da vida nessa fantasia de que vivem para os outros e tocam a vida dessa forma, até que a “indesejável das gentes” bate à porta e leva o motivo de seus cuidados. E no dizer de Rosa: *Aí... Foi...*

Essas mesmas mulheres que desistiram de seus sonhos para sonhar os sonhos de outros se vêm na situação de quem foi abandonado e percebem o quanto abandonaram a si mesmas em função da perda de um ente querido. Quando da perda desse ente querido e da dor que passam a experimentar, da ausência de si que experimentam, a partir constatação do próprio abandono, por causa da ausência do seu objeto de cuidado, o morto; essas mulheres sucumbem e, ao sucumbirem, percebem que, ou se entregam e perdem a vida em vida definitivamente, ou se fortalecem, aprofundam seu perfume,

---



intensificam suas cores e demonstram serem bem mais que aquelas flores apagadas, desidratadas e quase mortas com as quais nos deparamos no início de cada entrevista. Esse comportamento descrito por nossas entrevistadas ilustra o primeiro estágio sobre a morte e o morrer relatado por Kübler Ross (1992, p. 52), que é o de negação e de isolamento, que “funciona como um parachoque depois de notícias inesperadas e chocantes...” Então surge a necessidade de falar sobre a morte do ente querido, sustentando o paradoxo existente caracterizado pela interdição da morte e a necessidade de confissão sobre a morte, enquanto apresentam o duplo silenciamento diante da morte: omissão do nome do morto e do sofrimento dele no momento da morte. Rosa, Lavanda e Violeta não citam na entrevista o nome dos seus mortos. Elas falam do seu sofrimento de mãe, de órfã e de viúva, mas sobre o sofrimento do morto de quem falam, no momento da morte, não expressam nenhuma palavra. O silenciamento é tão profundo quanto o interdito que representa. Esses silenciamentos caracterizam o estágio de raiva relatado por Kübler Ross (op., cit, p. 65), quando diz: “um paciente (aluno) que é respeitado e compreendido, a quem são dispensados tempo e atenção, logo abaixará suas exigências irascíveis...”

Outro silenciamento apresentado no discurso das entrevistadas é o da idealização do morto como silenciamento dos (sobre os) defeitos; pois em momento algum, Rosa, Violeta ou Lavanda apresentam características negativas de seus entes queridos mortos.

Outro ponto que merece destaque é a forma como sujeitos se constituem a partir da morte do outro. A forma como elas se ressignificam como sujeito a partir da morte de um ente querido e o dizer de si a partir desta constatação. Essa ressignificação, ocorre a partir da volta à vida. Vida que é sinônimo de volta às atividades esquecidas por anos, que só quem levou a vida em função da vida de outro, consegue compreender. Neste momento, podemos observar uma barganha inconsciente, que caracteriza o terceiro estágio defendido na obra de Kübler Ross, (op., cit, p. 97) quando diz: A barganha na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem de incluir um prêmio oferecido “por um bom comportamento”, estabelece também uma “meta” autoimposta e inclui uma promessa implícita de que o paciente (aluno) não pedirá outro adiamento, caso o primeiro não seja concedido. Esse retorno à vida é caracterizado pela volta à escola e ao trabalho concomitantemente. Voltar à escola é voltar à vida social, é ter amigos novamente, ter um local para frequentar, ter a quem se mostrar. Sentir-se orgulhosa de si mesma quando consegue terminar o curso iniciado. Voltar ao trabalho ou ao emprego é ter uma condição financeira para manter-se nesta nova vida ressignificada. Apresentam, então, o quinto estágio, o da aceitação, defendido por Kübler Ross (op., cit. p.126) “não é um desânimo resignado e sem esperança, um senso de “o que adianta?” ou “não agüento mais lutar”, embora se ouçam também estas frases.” Lembramos que ao

---



dizerem de si, já saíram da fase de depressão, o quarto estágio, por que já estavam no quinto estágio, o da aceitação.

Voltar à escola, ter amigos, voltar a ter uma vida social traz, também, a necessidade de (re) adaptação social e, nesse momento, percebem que na mesma escola em que encontram o aconchego de retorno, também, encontram o interdito social sobre a morte. Nela, há assuntos que não se pode falar, a morte é um deles, contrariando a sua necessidade de expor-se, expressar-se sobre a morte do ente querido, razão maior que as levou à escola. Então, surge outro paradoxo: não se pode falar sobre o assunto que as levou a ter força para estar ali, lugar este, que lhes revelou a capacidade de retorno à vida.

Quanto mais essas entrevistadas dizem de si, neste novo momento de vida, mais elas dizem da escola, mais elas apresentam em seu discurso a necessidade que têm de frequentar a escola. Frequentar a escola, ter acesso ao conhecimento e vislumbrar outras perspectivas tira essas mulheres da condição de mãe de um filho morto ou viúva de um marido morto e eleva-as à condição de mulheres que têm um nome, uma família, uma vontade de ser Rosa, Violeta e Lavanda. Cada uma ao seu modo, mas com sua cor bem mais intensa e seu perfume mais forte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÀRIES, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Seguido de Envelhecer e morrer Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século XXI Escolar - **O minidicionário de língua portuguesa**. 4ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_, M. A escrita de si. In. **Ética, sexualidade e política**. Coleção: Ditos e Escritos

V. São Paulo: Forense Universitária, 2004a.

\_\_\_\_\_. M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Foucault, Michel.

**Ética, sexualidade e política**. Col. Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2004b. 109

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3. O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 9ª edição, 2007.

\_\_\_\_\_**Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 26ª edição, 2008.

\_\_\_\_\_**Vigiar e punir. Nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2008.

\_\_\_\_\_**A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.



FREUD, S. **Reflexões para o tempo de guerra e morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1915. v.14.

\_\_\_\_\_ **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

KÜBLER–ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editores Ltda, 1987.

\_\_\_\_\_ E. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**. 2ªed. Sextante. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KOVACS, Maria Júlia. **Educação para a morte; desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. 1ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo. FAPESP, 2003.

\_\_\_\_\_ Maria Helena Pereira Franco Bromberg, M Margarida M J de Carvalho, Vicente A de Carvalho. **Vida e morte: laços de existência**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MARTINS. José de Souza. (org) **A morte na sociedade brasileira**. São Paulo: Editora, HUCITEC. 1983.

---